

ARTÍCULOS

A MULHER BRASILEIRA MIGRANTE NAS MÍDIAS DA EUROPA. UMA REVISÃO TEÓRICA SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE UMA MINORIA NO JORNALISMO.

Danubia de Andrade Fernandes
Universidade Federal do Rio de Janeiro
danubiajfm@gmail.com

Resumo: Neste artigo, apresento uma revisão teórica sobre as modalidades de representação da mulher brasileira migrante nas mídias da Europa. Estão em questão as formas como esta minoria social é representada no discurso do jornalismo. Esta análise tem como ponto de partida uma investigação sobre dos modos como as mulheres brasileiras são enquadradas e estereotipadas para atenderem a uma demanda de consumo e de expectativas sociais, de cunho racista e sexista, que datam do período colonial. O artigo conta com uma perspectiva de gênero nos estudos migratórios, contextualizando as migrações de mulheres brasileiras no continente europeu em um cenário mais amplo de feminização dos fluxos. As particularidades da migração feminina brasileira são apresentadas, bem como uma compilação de estudos realizados na França, Portugal, Espanha, Itália e Inglaterra em jornais, revistas, canais de televisão e publicidades.

Palabras clave: Jornalismo, migração, representação social, gênero.

Título: LA MUJER BRASILEÑA MIGRANTE EN LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN DE EUROPA. UNA REVISIÓN TEÓRICA SOBRE LA REPRESENTACIÓN DE UNA MINORÍA EN EL PERIODISMO.

Resumen: En este artículo, yo presento una revisión teórica sobre las modalidades de representación de la mujer brasileña migrante en los medios de comunicación de Europa. Me gustaría poner en análisis las formas de representación de esta minoría social en el discurso del periodismo. El punto de partida son los modos como estas mujeres son estereotipadas y encuadradas de acuerdo con una demanda de consumo y con expectativas sociales de bases racista e sexista que tienen origen en el período colonial. El texto cuenta con una perspectiva de género en los estudios migratorios que sirve para contextualizar las migraciones de mujeres brasileñas en el continente europeo en el escenario de la feminización de los flujos de migración actuales. Las particularidades de la migración femenina son puestas en evidencia, así como un compendio de estudios realizados por diferentes investigadoras en periódicos, revistas, canales de televisión y publicidades de Francia, Portugal, España, Italia e Inglaterra.

Palabras clave: Periodismo, migración, representación social, género.

Recibido: 11-09-2014
Aceptado: 22-09-2014

Cómo citar este artículo: DE ANDRADE FERNANDES, Danubia. A mulher brasileira migrante nas mídias da Europa. Uma revisão teórica sobre a representação de uma minoria no jornalismo. *Naveg@mérica. Revista electrónica editada por la Asociación Española de Americanistas* [en línea]. 2014, n. 13. Disponible en: <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: Fecha de consulta]. ISSN 1989-211X.

Title: THE BRAZILIAN WOMEN MIGRANTS IN THE EUROPEAN MEDIA. A THEORETICAL REVIEW OF THE MINORITY REPRESENTATION FORMS IN THE JOURNALISM DISCOURSE.

Abstract: In this paper, I present a theoretical review of Brazilian women migrants' representation forms in the European media. The main objective is to understand how the discourse of journalism represents this minority. This analysis takes as its starting point an investigation into the ways in which Brazilian women may be stereotyped to match the racist and sexist social expectations. This article works with a gender perspective in migration studies; this means that I analysis Brazilian women migration to Europe in the context of the feminization of migration flows and thinking their particularities. Finally, I present studies about Brazilian women representation in newspapers, magazines, television channels and advertisements in France, Portugal, Spain, Italy and England.

Keywords: Journalism, migration, social representation, gender.

1. Introdução

Este artigo pretende apresentar uma revisão teórica de pesquisas acadêmicas que conjugaram a perspectiva de gênero dos estudos migratórios com uma análise dos modos de representação das minorias no discurso do jornalismo. Em relevo, as modalidades representativas da mulher brasileira migrante nas mídias da Europa e especialmente nos jornais impressos. Parto do pressuposto que o jornalismo, mais que os outros discursos midiáticos como aqueles provenientes da ficção ou do humor, atua fortemente na construção da realidade social e, assim, influencia a constituição das identidades dos sujeitos. O jornalismo contemporâneo está pautado na renúncia à subjetividade, na despersonalização da enunciação e no ideal de espelhar a realidade. E são justamente estes elementos fundadores do jornalismo que constroem o seu discurso de autoridade. Com efeito, a autoridade do discurso do jornalismo está no fato de apresentar uma versão narrativa da realidade que se apresenta socialmente como a realidade *inteira*, como a verdade dos fatos. Quando a autoria dá lugar a autoridade no jornalismo, as representações midiáticas ganham vida e interferem profundamente nas experiências e subjetividades. Por isso, a importância de refletir a representação de uma minoria nos discursos cotidianos dos jornais.

2. Gênero e migração

O anseio de compreender os desdobramentos dos fluxos migratórios no mundo contemporâneo deu lugar a uma série de perspectivas analíticas tais como a teoria neoclássica, a teoria dos mercados de trabalho duais ou ainda a teoria do sistema mundial, entre outras citadas por Joaquín Arango (2003). Em comum, estas perspectivas explicam a migração fundamentalmente por contingências de ordem econômica e vinculada ao mercado de trabalho, pois, de modo geral, elas entendem o processo migratório relacionado fortemente aos sistemas econômicos e às demandas por profissionais dos países de origem e de destino. Elas assinalam não apenas a emergência dos estudos de migração na contemporaneidade, bem como demonstram a influência das perspectivas econômicas na condução das primeiras abordagens.

Conforme Arango, embora a perspectiva política tenha aparecido timidamente nos estudos sobre migração que datam dos anos 1970 e 1980, as políticas redutoras de mobilidade implementadas mais intensamente nestas últimas décadas do século vinte foram determinantes para as práticas migratórias. Em outros termos, as políticas restritivas que incluem tanto a obrigatoriedade de vistos quanto o policiamento físico das fronteiras, adotadas por países ricos da América do Norte, da Europa e Japão, afetaram profundamente os fluxos migratórios. Para Arango, a dimensão política das migrações nos obriga a pensá-las não apenas como um fenômeno que trata de mobilidade, assim como nos propõe refleti-las no que elas têm de imobilidade.

Além dos fatores econômicos e políticos, as migrações também são perpassadas por variações que incluem: as distâncias e as proximidades físicas e culturais; os desenvolvimentos dos transportes e das tecnologias; as questões de ordem linguística, religiosa e étnica. Arango¹ enfatiza que o pertencimento a um mesmo âmbito cultural, linguístico e histórico interfere diretamente nas migrações na medida em que reduz os custos afetivos do deslocamento, oferece mais informações sobre o ponto de destino e, assim, diminui o grau de incertezas da mudança².

Neste momento em que os estudos sobre as migrações expandem suas possibilidades para além dos matizes econômicos, observando também os aspectos políticos, culturais e geográficos em suas inúmeras variáveis, uma vertente de pesquisa passa a se interessar especialmente pelas questões que relacionam “gênero e migração”³. Cabe ressaltar que o embasamento de uma perspectiva de gênero como mediadora nos estudos migratórios salvaguarda as especificidades da migração feminina, isto é, leva em conta o fato de que a migração é vivenciada de forma diferente por homens e mulheres. Isto quer dizer conduzir uma análise atenta às diferenças materiais e culturais da migração da mulher, investigando suas relações no mercado de trabalho, seu papel como guardiã da comunidade por meio da preservação de tradições, suas facilidades e dificuldades no processo de integração. Em linhas gerais, como bem resumem Christine Catarino e Mirjana Morokvasic⁴, a perspectiva de gênero afeta todas as facetas do processo migratório: “*L’engagement, la pratique associative et politique ainsi que les revendications des migrants seraient également genrés*”.

¹ ARANGO, Joaquín. Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años después. *Reis*. 1985, n. 35, pp. 7-26. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=250715>>.

² Um exemplo que me ocorre neste sentido é o fluxo migratório de brasileiros descendentes de japoneses (decasségus) para o Japão. Apesar da enorme distância física, houve uma proximidade cultural e linguística que incentivou a constituição de uma das maiores comunidades de brasileiros no exterior, com mais de 190 mil migrantes regularizados.

³ O marco dos estudos que conciliaram gênero e migração data de 1984, com a publicação de uma edição do “*International Migration Review*” inteiramente dedicada ao tema.

⁴ CATARINO, Christine y MOROKVASIC, Mirjana. Femmes, genre, migration et mobilités. *Revue européenne des migrations internationales*. 2005, v. 21, n. 1, p. 5. [15 março 2014]. Disponível em <<http://remi.revues.org/2534>>.

Conforme Morokvasic⁵, migrantes homens e mulheres não têm as mesmas oportunidades nas sociedades e nos mercados de trabalho tanto nos países de origem, de trânsito ou de destino. Apesar do processo de feminização da migração estar incorporado em muitos países, ainda há mais dificuldades na migração feminina. É preciso ressaltar que a mobilidade tem um significado especial para as mulheres, que no passado estiveram associadas à imobilidade e à passividade, o que implica um impacto social de cunho moral estigmatizante sob a mulher que migra. A mulher migrante, de modo geral, passa por um processo de empoderamento, ganha autonomia, prova a si mesma que é capaz de usar seu “*transnational social capital*” e de impor novas condições para os relacionamentos com marido, filhos e família. Sentem-se com mais confiança e autoridade que antes, mas não necessariamente conseguem escapar da opressão machista e racista, como explicam Catarino e Morokvasic:

Si la migration des femmes et les liens transnationaux peuvent être empowering (émancipateurs), il n’est nullement question ici de nier ou de minimiser les violences faites aux femmes, l’exploitation sexuée multiforme (traite des femmes, prostitution...) dans la migration ou en amont de celle-ci qui peut emprunter différents canaux (réseaux criminels, Internet...) ⁶.

Conforme Eleonore Kofman⁷, até meados de 1970, a mulher esteve praticamente invisível nos estudos sobre migração, em detrimento do fato de que sempre esteve migrando. A autora defende que se amplie a profundidade das investigações da migração feminina na Europa, definida pelo termo “*gendered migratory process*”. Primeiro, ela sugere uma articulação mais complexa entre a migração por trabalho e a reunificação familiar como etapas do processo migratório masculino e feminino. Em muitas leituras da reunificação familiar, implica-se ao homem um papel central como trabalhador, deixando a mulher em segundo plano. A autora discute o direito da mulher migrante de trazer marido, noivo ou filhos tal qual o homem usa a reunificação familiar para migrar a esposa e os filhos. O direito à reunificação familiar partindo da mulher foi obtido na Inglaterra no fim da década de 1980, mas a execução ainda é pequena e uma das razões disto é o fato de que a mulher migrante, muito mais que o homem, trabalha no mercado informal.

Kofman também defende o aprofundamento dos conhecimentos sobre a migração feminina em sua diversidade de trajetórias, levando em conta as histórias e as experiências nacionais, os modos de entrada das migrantes nos países de destino e a sua evolução no passar do tempo. Mudanças internas nas políticas e economias, o fim da Guerra Fria, os conflitos no leste europeu, a adoção de novas regras de mobilidade e circulação são significativos para estes estudos. Em linhas gerais, o que Kofman propõe são perspectivas de análise atentas às transformações ocorridas nos últimos anos no que concerne à emprego, moradia e estruturas

⁵ MOROKVASIC, Mirjana. *Crossing borders and shifting boundaries of belonging in post-wall europe. A gender lens*. 2006. Disponível <<http://www.migrationonline.cz/en/crossing-borders-and-shifting-boundaries-of-belonging-in-post-wall-europe-a-gender-lens>>.

⁶ CATARINO, Christine y MOROKVASIC, Mirjana. Femmes, genre, migration et mobilités. Op. cit.

⁷ KOFMAN, E. Female “Birds of Passage” a decade later: gender and Immigration in the European Union. *International Migration Review*. 1999, 33, n. 2, pp. 269–299.

sociais. Enfim, projetos de pesquisa mais embasados metodologicamente para que possam dar conta das especificidades temporais e geográficas do individual, do núcleo familiar e dos itinerários de grupos.

Os primeiros estudos que abordaram esta temática datam da década de 1970. Um deles, desenvolvido por Isabel Leonetti e Florence Lévy⁸, aponta que as mulheres, de modo geral, desempenhavam papéis coadjuvantes nos projetos migratórios. Elas acompanhavam os pais ou o marido, viviam a situação com passividade e em caso de não adaptação estavam reféns dos planos alheios. Entretanto, esta ausência de responsabilidade também era utilizada como um álibi, consciente ou não, que as eximia dos conflitos resultantes da migração. Aos homens era depositada, em muitos casos, a responsabilidade da integração no país de destino, assim como a responsabilidade total pela partida e pelo retorno.

Nos anos 1980, o interesse está centrado na figura da mulher migrante inserida no mercado de trabalho, como um reflexo do movimento feminista. Em pauta, as questões referentes à sua vida profissional, mensurando ganhos e perdas salariais, *status* laboral, reconhecimento de formações e de experiências e principais campos de atividade. Na década seguinte, as pesquisas também buscam compreender a vida pessoal e afetiva da mulher migrante, levando em conta seu papel como agente de integração à cultura do país de destino ou como agente de manutenção dos valores e tradições do país de origem. Além disso, nos últimos anos, constata-se mais intensamente a migração de mulheres sozinhas, sejam mulheres solteiras ou chefes de família; este dado acrescentou novos elementos ao fenômeno contemporâneo da migração. Se antes à mulher era atribuído o domínio da casa e da família, no mundo do privado, e ao homem destinava-se a vida pública; atualmente, esta separação ganha tons menos nítidos.

No que concerne ao impulso inicial para o projeto migratório, os fatores que levam as mulheres a migrar também podem divergir das motivações masculinas. Além das ambições econômicas e profissionais, como estudar em boas universidades ou subir na carreira, que atualmente são comuns aos homens e às mulheres, a conquista de liberdade para a vida afetiva ou mesmo o direito de trabalhar podem motivar mulheres a migrar. O distanciamento físico das bases familiares e religiosas pode significar um salto para a liberdade para mulheres advindas de culturas machistas e castradoras de suas potencialidades pessoais e de seus direitos como cidadãs. Elas buscam poder frequentar uma universidade, entrar no mercado de trabalho e ganhar seu próprio dinheiro e ainda escolher com quem se vão casar. Nestes casos, um país bastante distante cultural e geograficamente pode ser escolhido como destino final.

As políticas de controle de natalidade, como aquelas implementadas na China, por exemplo, ou os altos custos dos planos educacionais dos filhos podem ser impulsionadores para que “mulheres chefes de família” migrem em busca de salários

⁸ LEONETTI, I. T. y LÉVY, F. *Femmes et immigrées: l'insertion des femmes immigrées en France*. Paris: Le Documentation Française, 1978.

mais altos, como afirma Laurence Berger-Rouleau⁹. Outra variável importante a ser considerada são os casamentos com estrangeiros. A migração por uma motivação afetiva amplia um senso inicial de que todo projeto migratório está relacionado a questões econômicas ou políticas de dimensão macro.

O projeto migratório de uma mulher também se diferencia do percurso masculino no que concerne à sua entrada no mercado de trabalho no lugar de acolhida. Conforme indicam Christine Catarino e Mirjana Morokvasic¹⁰, preconceitos de ordem sexual, racial e étnica têm confinado as mulheres migrantes nos setores profissionais mais desvalorizados, considerados pouco qualificados e por extensão nas atividades realizadas dentro da esfera privada. Por outro lado, a ausência de trabalhos acadêmicos sobre mulheres migrantes em setores privilegiados e distintos do “*care system*” e da prostituição contribuem para a manutenção de uma visão estigmatizada e estigmatizante da mulher em migração, tratando-a sistematicamente como uma vítima do sistema.

Laurence Berger-Rouleau¹¹ aponta a complexidade da questão, ao denunciar a negação ou a não legitimidade das experiências e qualificações profissionais da mulher migrante, forçando a invisibilidade de sua identidade profissional. Estes fatores colaboram para a difícil inserção da migrante no mercado de trabalho no país de destino, mesmo quando se trata de mulheres qualificadas. Para Berger-Rouleau, isto acontece porque no caso da mulher migrante soma-se à etnização do mercado de trabalho o fato de haver também uma hierarquia sexual. Os modos de acesso aos empregos são regidos por normas sexuais e étnicas. Assim, a população migrante feminina é particularmente exposta aos riscos da precarização e do não acesso aos postos oficiais de trabalho. “*L’origine culturelle, en venant se combiner à l’origine sociale, au sexe et à la position générationnelle, participe activement à définir des formes d’accessibilité différenciées et hiérarchisées aux marchés de l’emploi*”¹².

A discriminação no mundo profissional, ou o falso reconhecimento por meio da desqualificação de sua formação e de suas experiências, pode invisibilizar a mulher em migração, destituindo dela o direito à integração social no país estrangeiro. Para Laurence Berger-Rouleau, a discriminação sob a forma de falso reconhecimento produz violência e fragmentação identitária. As mulheres em migração oscilam entre sentimentos de estima e de vergonha de si mesmas, mas uma situação permanentemente conflituosa pode levar a mulher a perder sua capacidade reflexiva e a aceitar a desqualificação e a humilhação como sentimentos irreversíveis de sua personalidade. Estes conflitos identitários terminam convencendo as próprias mulheres de que merecem postos de trabalho inferiores, de que são incompetentes, de que são preguiçosas, entre outros dados negativos. Isto significa dizer que a exclusão no mercado de trabalho gera uma exclusão social que, por sua vez, acarreta deformidades na constituição do *self*.

⁹ BERGER-ROULLEAU, L. *Migrer au féminin*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

¹⁰ CATARINO, Christine y MOROKVASIC, Mirjana. *Femmes, genre, migration et mobilités*. Op. cit.

¹¹ BERGER-ROULLEAU, L. *Migrer au féminin*. Op. cit.,

¹² BERGER-ROULLEAU, L. *Migrer au féminin*. Op. cit., p. 8.

No tocante à cultura, segundo Michelle Perrot¹³, as mulheres desempenham um papel imprescindível nos processos migratórios: elas constroem as pontes entre o que há interior e exterior, dentro e fora, de uma cultura a outra; elas tentam, não sem sofrimentos, reger as tensões contraditórias que dali nascem. “*Les femmes maintiennent les traditions, la langue ‘maternelle’, la cuisine, les habitudes de piété*”¹⁴. A repetição de práticas culturais e religiosas se faz para que se conserve a identidade daquela mulher face ao grupo social de seu lugar de origem, atuando diretamente em sua reputação e honra. A obrigação desta conservação dos valores e das tradições assinala uma compreensão da cultura como algo fixo, que possa ser aprisionado e congelado no tempo, quando, de fato, cultura é movimento, transformação constante, como defendem Gerd Baumann (2001), Antonio Gutiérrez (2009), Mohammed ElHajji¹⁵, entre outros.

A partir de sua análise sobre a migração feminina na sociedade francesa, Laurence Berger-Roulleau¹⁶ afirma que quanto maior a tentativa de integração, mais expostas estão as mulheres ao racismo e aos atos xenofóbicos. Isto é, as imigrantes que evitam ao máximo o contato com a cultura do país de acolhida, muitas vezes isolando-se socialmente e convivendo apenas em espaços privados com outros indivíduos de mesma origem cultural e religiosa, estariam menos expostas ao racismo e à xenofobia. Estas mulheres tomam para si o compromisso de preservar a cultura do país de origem e entendem que para preservá-la é preciso fechar-se à cultura estrangeira. Sobrevive nestas práticas de isolamento social o pressuposto de que quanto mais isoladas estejam as mulheres, mais próximos da cultura do país de origem estarão os seus grupos étnicos. Além disso, para racistas e xenófobos, a negação da cultura do local de destino pode significar que haverá retorno ao país de origem, assim sendo, os confrontos tornam-se mais brandos. Já as migrantes que buscam o seu espaço na sociedade estrangeira e estão dispostas a negociações culturais colocam-se na linha de frente dos conflitos raciais e étnicos.

3. As mulheres brasileiras em migração na Europa

Gostaria de tratar dos projetos migratórios de mulheres brasileiras no continente europeu naquilo que eles possivelmente se diferenciam de outras trajetórias de migração feminina. Segundo dados colhidos em 2011 pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil, a maior comunidade de brasileiros e brasileiras na Europa estaria no Reino Unido, com cerca de 180 mil pessoas; a segunda maior comunidade na Espanha, 158 mil; seguido de Portugal, 136 mil; Alemanha, 91 mil; Itália, 85 mil e França 80 mil. Em 2012, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dedicou uma seção do Censo Brasileiro de 2010 aos brasileiros emigrantes, reportando que 491.645 brasileiros viviam no exterior, dos quais 54% eram mulheres. Importante ressaltar que estes dados dão conta das mulheres cujos

¹³ PERROT, M. *Mon histoire des femmes*. Paris: Éditions du Seuil, 2006.

¹⁴ PERROT, M. *Mon histoire des femmes*. Op. cit., p. 186.

¹⁵ ELHAJJI, M. Le culte à la culture: évolution, révolution et régression. In: *Le concept de culture: comprendre et maîtriser ses détournements et manipulations*. Paris: L'Harmattan, 2013, pp. 19-46.

¹⁶ BERGER-ROULLEAU, L. *Migrer au féminin*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.

projetos migratórios são documentados, o que nos permite imaginar um número ainda maior de mulheres brasileiras vivendo na Europa e em outras partes do mundo em situação não regularizada.

De que modos as experiências de mulheres brasileiras em migração podem ser distintas das experiências de outras mulheres? Podemos afirmar que a “brasilidade” interfere em suas trajetórias por questões étnico-raciais e culturais específicas? Apresento algumas pesquisas acadêmicas desenvolvidas em distintas áreas do conhecimento que tentaram dar conta dos desdobramentos sociais e dos impactos culturais dos fluxos migratórios de mulheres brasileiras em diferentes cidades da Europa. Muitos destes estudos têm natureza metodológica qualitativa, o que impede generalizações ou a indicação de dados numéricos precisos, porém, observa-se uma leitura recorrente da mulher brasileira associada à disponibilidade sexual e a um comportamento alegre e expansivo.

No contexto italiano, e mais particularmente na cidade de Roma, Isabela de Sousa¹⁷ analisa os modos de integração social de mulheres brasileiras em migração. A maior parte das mulheres entrevistadas nesta pesquisa encontrava-se em posição profissional subordinada, trabalhando como empregadas domésticas, faxineiras ou babás. A inserção profissional em atividades desvalorizadas, no entanto, era recompensada por um aumento dos ganhos financeiros em relação ao que se tinha no Brasil. Outra questão interessante é a importância da Igreja Católica no processo de integração. Constata-se que a comunidade religiosa traçou uma ponte entre a mulher migrante e as demais instituições italianas, favorecendo o acesso aos serviços de saúde, informação e educação. Além disso, cabe registrar o fato da Igreja oferecer cursos de língua italiana, sabendo-se que o domínio do idioma estrangeiro é bastante importante no processo de integração. Finalmente, gostaria de destacar um dado subjetivo colhido neste estudo: a solidão é detectada no discurso da maior parte das entrevistadas, inclusive entre as mulheres casadas com italianos, o que indica, a meu ver, a complexidade do processo de integração de mulheres brasileiras na cultura italiana.

No contexto espanhol, o recente processo de feminização dos fluxos de migrantes tem sido citado recorrentemente em estudos que buscam dar conta da temática de gênero nos estudos migratórios. Conforme apontam Sònia Parella e Leonardo Cavalcanti¹⁸, este processo inclui não apenas mulheres do leste europeu ou do norte africano, como também brasileiras e outras latino-americanas. No que concerne particularmente à migração feminina brasileira em Espanha, detecta-se uma maior presença de brasileiras em postos qualificados em detrimento de outros grupos, como colombianas, equatorianas ou bolivianas. Segundo os autores, é possível observar uma grande pluralidade de bagagens educacionais e de origens sociais e raciais dentre as migrantes brasileiras, o que certamente explica que o

¹⁷ SOUSA, Isabela Cabral Félix de. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Revista Imaginário*. 2007, v. 13, n. 14, pp. 399-415. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42454>>.

¹⁸ CAVALCANTI, Leonardo y PARELLA, Sònia. Una aproximación cualitativa a las trayectorias laborales de las mujeres brasileñas que residen em España. In: *La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España*. Madrid: Ministerio del Trabajo e Inmigración, 2011.

projeto migratório deste grupo não possa ser resumido às atividades subordinadas.

Neste sentido, gostaria de enfatizar a importância das contribuições acadêmicas sobre a migração feminina brasileira qualificada em Espanha, desenvolvidas por Leonardo Cavalcanti¹⁹. Estes trabalhos operam em um cenário cultural e midiático em que a mulher brasileira está diretamente associada à prostituição e aos serviços domésticos, por isto, ao abordar o empreendedorismo de brasileiras no território espanhol, este autor não apenas abre novas frentes de análise, como auxilia a quebra de estigmas e estereótipos vigentes também no contexto universitário. Cavalcanti e Parella reconhecem que parte dos preconceitos vivenciados pela brasileira em território espanhol derivam não apenas de sua origem latino-americana, como também de sua cor de pele, donde depreende-se um sistema de estratificação social e político baseado no racismo herdado do sistema de poder colonial clássico.

A pesquisa de Luciana Pontes²⁰ sobre os processos de exotização das mulheres brasileiras que vivem em Portugal apontou alguns eixos de análise que dialogam a posição vulnerável da mulher migrante com a sua origem étnica, ou seja, com a sua suposta “brasilidade”. Conforme Luciana, nas representações da mulher brasileira na sociedade portuguesa, há uma associação entre gênero e nacionalidade que feminiza as representações do Brasil e, ao mesmo tempo, sexualiza o gênero.

Este processo de sexualização da mulher brasileira em migração está associado a sua condição de imigrante particularmente frágil por pertencer a uma classe econômica subalterna e a um grupo étnico-nacional considerado exótico, periférico e racializado. Além disso, é preciso ressaltar que o feminino brasileiro é frequentemente relacionado à cultura do carnaval, da sexualidade, do culto ao corpo e também da pobreza, da violência e do subdesenvolvimento. Muito mais que simples adição de fatores, trata-se da sobreposição de marcadores sociais de exclusão que reforçam uma posição social subordinada e sexualizada. São estatutos de gênero, de classe e de nacionalidade desvalorizados e essencializados que interferem nos planos afetivos e profissionais das brasileiras imigrantes.

¹⁹ CAVALCANTI, Leonardo. La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España. In: *Seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Espanha*, 1. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, 2010, pp. 33-38; CAVALCANTI, Leonardo y PARELLA, Sònia. Una aproximación cualitativa a las trayectorias laborales de las mujeres brasileñas que residen em España. In: *La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España*. Madrid: Ministerio del Trabajo e Inmigración, 2011.

²⁰ PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*. 2004, n. 23, pp. 229–256. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08.pdf>>; PONTES, Luciana. *Corpos deslocados: vulnerabilidade e processos de exotização das mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa, Portugal*. (Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia) Lisboa/Portugal, 2005. 157 p.

Para Adriana Piscitelli²¹, a experiência da mulher brasileira migrante é marcada pelo “racismo etnicizado” que atua “racializando” e sexualizando seu corpo independentemente da cor de sua pele. Piscitelli sustenta que brasileiras de todos os tons de pele são “racializadas”, ou seja, são consideradas mestiças e neste sentido são sexualizadas pela associação historicamente construída entre sexualidade e mestiçagem. É atribuído à elas: “uma disposição naturalmente intensa para fazer sexo e uma propensão à prostituição, combinadas com noções ambíguas sobre seus estilos de feminilidade, tidos como submissos, com uma alegre disposição para a domesticidade e maternidade”²². No entanto, não se trata de afirmar que mulheres brasileiras negras ou brancas, pobres ou bem posicionadas no mercado de trabalho, em condição documentada ou não regularizada estariam sujeitas às mesmas experiências de racismo e discriminação, pois Piscitelli compreende que os efeitos dessas noções são atenuados ou acentuados por diversas variantes, entre elas raça e classe social.

Em convergência com o pensamento de Pontes e Piscitelli, Beatriz Padilla e Mariana Gomes²³ analisam as representações das mulheres brasileiras em Portugal com relação ao passado colonial brasileiro. Para estas autoras, as mulheres brasileiras são construídas como “corpo colonial”, o que significa dizer que são entendidas como algo que faz parte da estrutura colonial e que, portanto, estão disponíveis para a exploração. O cruzamento entre colonialidade e gênero é marcante na construção do imaginário sobre a mulher brasileira particularmente em Portugal, mas com afetação em todo continente europeu. Os modos como este imaginário é significado no cotidiano afetam profundamente as experiências de mulheres brasileiras na Europa.

Interessante ressaltar que tanto Luciana Pontes²⁴, em sua análise empírica de base antropológica, quanto Adriana Piscitelli²⁵ ou Beatriz Padilla e Mariana Gomes²⁶, no plano teórico, apontam que os processos que racializam e sexualizam as mulheres brasileiras não podem ser entendidos como processos fixos e exclusivos. Ao contrário, há constantes negociações dos posicionamentos nos contextos migratórios que permitem que a suposta “sensualidade natural” da brasileira tanto possa ser rejeitada como performada estrategicamente para fins diversos no mercado de trabalho e nas relações afetivas. Em outros termos, as formas de categorização da mulher brasileira em sua experiência migrante podem limitá-la, mas também abrem possibilidades para a agência. Além disso, as “noções

²¹ PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*. 2008, n. 11, pp. 263–274. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247>>.

²² PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Op. cit.

²³ PADILLA, B. y GOMES, M. S. Racismo contra as -mulheres brasileiras em Portugal? Algumas reflexões. In: *Congresso Português de Sociologia*, 7º, 2012, Porto, Anais..., p.1-14.

²⁴ PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. Op. cit. ; PONTES, Luciana. *Corpos deslocados*. Op. cit.

²⁵ PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Op. cit.

²⁶ PADILLA, B. y GOMES, M. S. Racismo contra as -mulheres brasileiras em Portugal? Op. cit.

tropicalizadas de feminilidade” afetam também mulheres colombianas e cubanas, para citar outros exemplos latino-americanos.

No que concerne à sociedade francesa, gostaria de citar os trabalhos de Tatiana Diniz Abud²⁷ e de Gisele de Almeida²⁸. Tatiana Abud tratou das questões relacionadas às representações dos brasileiros e do Brasil na cidade de Lyon. Sua proposta objetivava compreender os porquês do interesse dos habitantes desta cidade pela cultura brasileira, sendo esta, a princípio, tão distante de sua realidade cultural. Para tanto, buscou os modos de manifestação da cultura brasileira em Lyon, perguntando-se por que através de determinadas expressões e não de outras, quem as consumia, por que existia este interesse e qual seria a sua origem.

Segundo estimativas, o contingente de brasileiros que vive na França representa apenas 0.13% da população total, o que corresponde a uma minúscula porcentagem em relação à imigração norte-africana ou libanesa, por exemplo. Este cenário induziu Tatiana Abud a concluir que o pequeno número de migrantes brasileiros no território francês não afeta os franceses, não retoma o “medo do migrante” e permite a exibição despreziosa do exotismo e da alegria como marcos representacionais. Neste sentido, duas imagens do Brasil são detectadas pela pesquisadora: “*bonheur*” e “*joie de vivre*”. Esta construção passa tanto pelas imagens folclóricas brasileiras, que incluem as danças, a música e a capoeira, como também atinge a representação política encarnada no ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, “o presidente dos pobres”, que dispensa as formalidades e revela todo o seu carisma pessoal.

Neste percurso de investigação, Tatiana Abud compreendeu que a divulgação da cultura brasileira no exterior conecta-se não apenas às motivações de ordem cultural, bem como diz respeito à esfera prática da vida social. Na realidade investigada, montar grupos de capoeira ou ensinar o samba tem razões econômicas bastante fortes, pois há demanda para estes serviços. Ademais, Abud conclui que a alegria associada pelos franceses à sociedade brasileira pode abrir portas sociais para os migrantes brasileiros na França, facilitando, em certa medida, sua integração social. A pesquisadora constatou um espelho duplo, tanto os franceses têm essa imagem positiva do Brasil, quanto os brasileiros que lá residem trabalham para sustentá-la.

A tese de doutorado em sociologia defendida por Gisele de Almeida²⁹ versa sobre a imigração brasileira na França após 1980. Seu estudo mostra que as relações franco-brasileiras começam ainda no século dezesseis, com o projeto de constituição da “França Antártica”, que seria uma colônia francesa em terras

²⁷ ABUD, T. D. *Brazil in France: Representation of Brazilian culture, the image of the country and the conservation of stereotypes*. (Dissertação de mestrado em Antropologia Social e Cultural). Universidade Autônoma de Barcelona, 2010. 128 p.

²⁸ ALMEIDA, G. *Au révoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. (Tese em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, 2013. 407 p.

²⁹ ALMEIDA, G. *Au révoir, Brésil*. Op. cit.

brasileiras ainda durante a dominação portuguesa. No curso dos tempos, projetos migratórios e intercâmbios culturais entre os dois países respaldaram a forte influência da cultura e do idioma franceses junto às elites brasileiras até princípios do século vinte, bem como a constituição de um imaginário particular sobre o Brasil.

Sua tese apresenta distintas trajetórias migratórias na França, particularmente representativas da diversidade dos fluxos que viriam a compor o grupo dos imigrantes brasileiros em terras francesas. Neste conjunto, estão tanto o jovem de Governador Valadares³⁰ com baixa escolaridade que vive não documentado em uma *banlieue* em Paris; o rapaz que nunca se sentiu confortável no Brasil e que entre idas e vindas escolhe a França como destino final; a brasileira que se casou com um francês e que exemplifica a migração por matrimônio; ou a história da adolescente mineira que foi deportada da Inglaterra e que escolheu Paris como uma segunda opção. Cabe ressaltar que Gisele de Almeida realizou mais de cem entrevistas com brasileiros e brasileiras em todas as regiões da França, o que possibilitou a constituição de um quadro diverso e complexo em que cabem tanto as migrações altamente qualificadas, a fuga de cérebros brasileiros para universidades e instituições de pesquisa francesas, quanto os projetos não documentados, a migração por trabalho, afetiva e cosmopolita.

O modo como o Brasil é representado no imaginário francês relaciona-se à um imaginário exótico pré-romântico, vinculado ao período colonial, que evoca uma ideia de encontro com a alteridade. Neste imaginário, figuram as imagens do bom selvagem, da mulata, as paisagens tropicais e a alegria de viver. Assim como Tatiana Abud, Gisele de Almeida também conclui que o exotismo e os valores positivos atribuídos à brasilidade podem facilitar a vida dos brasileiros na França pelo uso estratégico deste imaginário nos contextos profissionais das artes, particularmente música, dança e capoeira, e da prostituição. Em outras palavras, a suposta sensualidade natural das mulheres e das transgêneros brasileiras, a musicalidade particular de dançarinos e instrumentistas, bem como a arte da capoeira são constantemente acionadas no cotidiano dos migrantes como estratégias no mercado de trabalho e nas relações afetivas.

No que concerne especificamente à mulher brasileira, ela é, no imaginário do povo francês, o símbolo maior da brasilidade. As brasileiras entrevistadas por Gisele de Almeida, cujas trajetórias migratórias e as idades são diversas, registraram cenas de discriminação e assédio uma vez identificadas como brasileiras. A ideia de disponibilidade sexual, perversidade moral e liberalidade da mulher brasileira é presente também no contexto francês.

Este pequeno panorama de estudos sobre a migração de brasileiras na Europa indica que sua estereotipia e estigmatização operam não apenas como elementos de discriminação social e, portanto, como motivadores de sofrimento, quanto como estratégias de sobrevivência e ascensão social, seja por meio de trabalho ou do matrimônio. De fato, outra observação a ser feita, dá conta de pesquisas

³⁰ Governador Valadares é uma cidade brasileira localizada no Estado de Minas Gerais conhecida por apresentar um fluxo migratório intenso para os Estados Unidos, principalmente, mas também para a Europa.

acadêmicas que ignoram a perspectiva racial da mulher brasileira migrante, igualando as experiências de mulheres negras, pardas ou brancas. Além disso, desconsideram os processos pelos quais a mulher brasileira é racializada e sexualizada independentemente de sua cor de pele.

4. A representação dos imigrantes no jornalismo

Segundo estudos realizados pelo linguista holandês Teun van Dijk³¹ a representação negativa das minorias nas mídias atua diretamente nas experiências e nas práticas dos sujeitos. Deve-se a isso o fato de que, no cenário contemporâneo, a aquisição de conhecimentos e a formação de opiniões sobre os mais diversos temas e sobre os fatos que se desenrolam significativamente distantes da experiência concreta dos sujeitos são largamente influenciadas pelos discursos da mídia veiculados na imprensa e na televisão. Para este autor, o poder da mídia deve-se não apenas ao número de receptores que ela alcança simultaneamente, mas também por seu caráter de “porta-voz” da população capaz de transmitir informações com mais verossimilhança que as fontes públicas em geral. Porém, a organização destes veículos em grupos de comunicação compromete a pluralidade de pontos de vista. O processo de produção jornalística evidencia tais tendências dominadoras. A escolha da pauta, do tipo de mensagem a ser difundida e a construção do texto visam garantir a imagem de certos grupos ou instituições da sociedade.

O controle do acesso ao discurso também é um fator relevante para a restrição dos conteúdos a serem difundidos nos meios de comunicação. As redações são formadas em sua maior parte por jornalistas brancos de classe média, uma vez que contingências econômicas e sociais limitam o seu acesso aos negros, migrantes e indivíduos de classes populares. No entanto, mais que meditar sobre as dificuldades de acesso dos grupos minoritários à carreira de jornalista, há que se pensar na falta de interesse em dar voz às minorias, num espaço que é organizado por representantes das elites simbólicas.

Teun van Dijk³² realizou estudos em jornais de diferentes países como Holanda, Inglaterra e Espanha, além de coordenar pesquisas na América Latina em que se detectou um contexto de homogeneização dos discursos midiáticos que configura um cenário altamente desfavorável à expressão das minorias. Os refugiados, os sem-teto e os provenientes de regiões pobres frequentemente são representados de maneira semelhante entre si e em contraste com a representação dos grupos poderosos. A saber, a representação das minorias segue a lógica da representação negativa do *Outro* versus a auto representação positiva de *nós*. Segundo van Dijk³³, a desqualificação de grupos minoritários na mídia, em geral, se faz da seguinte

³¹ VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

³² VAN DIJK, T. A. *Racism and the press*. London, New York: Routledge, 1991; VAN DIJK, T. A. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. Op. cit.

³³ VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. Op. cit.

forma:

a) As minorias têm menos acesso aos meios de comunicação e, conseqüentemente, menos (ou nenhuma) voz para expor o seu discurso.

b) Quase não são fontes usuais e confiáveis. Quando retratados por matérias jornalísticas, estes indivíduos são frequentemente representados como personagens caricatos que terminam por reforçar os preconceitos vigentes. Raramente são fontes de autoridade sobre determinado assunto, ainda que diretamente ligado a eles, como os casos de crimes cometidos por imigrantes.

c) São vítimas de descrição estereotipada que tende a defini-los como “problema social”, como sujeitos que sugam os recursos do país onde estão (espaço, habitação, trabalho, educação) ou que estão verdadeiramente em posição marginal, como criminosos ou trapaceadores dos sistemas de assistência social. Neste cenário, praticamente toda referência feita a eles será negativa para confirmar esta avaliação.

d) A cultura do Outro é menosprezada, considerada sistematicamente como atrasada, inferior ou primitiva. O menosprezo à cultura do Outro resvala na compreensão das capacidades (ou incapacidades) do sujeito pertencente a um grupo minoritário. Assim, este sujeito não tem condições legítimas de expor qualquer discurso na mídia.

e) Os pertencentes a grupos minoritários são descritos como incapazes por si mesmos, ignorantes ou como pessoas precisam de ajuda. A auto representação positiva é ainda mais rara e a depreciação do Outro, justificada.

Desde 1970, dentro de um contexto de efervescência de identidades periféricas, uma crítica sistemática às mídias tem sido feita para denunciar discursos deformados e deformadores do Outro. A imposição do silêncio, a construção de representações apocalípticas, a instrumentalização sistemática a partir de perspectivas eurocêntricas e o confisco da fala são citados pelo estudioso francês Bertrand Cabedoche³⁴ como as principais reclamações dos grupos excluídos no que concerne às representações midiáticas que deles se fazem. Estas queixas têm ajudado a constituir um processo de negociação de sentidos que, lentamente, reorganiza os padrões jornalísticos.

Nesta mesma década, os anos 1970, o desenvolvimento dos campos da história, etnografia, psicanálise e semiótica trouxeram grande enriquecimento para o jornalismo. Neste período, as pesquisas de recepção dos textos midiáticos

³⁴ CABEDOCHÉ, Bertrand. Télévisions transnationales et représentations de l'altérité. Remarques épistémologiques et méthodologiques. *Les Cahiers du journalisme: Faits divers, faits de société*. Été 2007, n. 17, pp. 344-383; CABEDOCHÉ, Bertrand. Apostas contemporâneas da produção e da difusão de conhecimentos na França relativas à informação midiática. Convergências e oposições entre praticantes das mídias e Ciências da Comunicação. *Revista Comunicação: Veredas*. 2009-1, ano VIII, n. 8, pp. 43-67. Disponível em <http://www.unimar.br/publicacoes/pub/veredas_8.pdf>.

despontaram. Entretanto, ainda vivemos épocas de primazia da informação sob a opinião devido à grande influência de um modo específico de fazer jornalismo que, muito embora tenha etiqueta norte-americana, propaga a busca pela “verdade dos fatos” como um modelo universal. De lado, ficam concepções humanista, literária, poética e política da arte de escrever um jornal.

A promessa do jornalismo de oferecer os fatos como eles são, ou melhor, oferecer uma transposição transparente, imparcial e objetiva da realidade por meio de uma narrativa, tenta esconder as vozes que ressoam na enunciação independente de toda técnica. Para o pesquisador brasileiro Fernando Resende³⁵, o jornalismo é fortemente atravessado por um viés tecnicista arregimentado por uma retórica da verdade. O jornalismo constrói “narrativas enclausuradas” que partem do princípio de que o uso de normas e regras pode dar conta de explicar o mundo. Ao custo destas ordens e lógicas com fins de simplificação, o jornalismo trabalha incessantemente para colocar em relação dois termos antinômicos: o discurso e o real.

Cabe perguntar os porquês deste *modus operandi* de produção do discurso jornalístico. Segundo Resende, é preciso entendê-lo dentro do contexto do capitalismo industrial. O jornalismo utiliza-se de instrumentos específicos para obter aperfeiçoamento e eficácia no processo comunicativo. A lógica funcionalista que rege a produção discursiva do jornalismo garante uma metodologia de trabalho que adéqua as supostas necessidades dos leitores (saber a verdade dos fatos, por exemplo) com os percalços e os limites da atividade profissional. Não obstante, há mais que isto em jogo: esta técnica de produção discursiva constrói discursos aparentemente limpos e livres de ruídos que evitam transparecer o desejo e o poder que fazem parte de sua produção.

Conforme Cabedoche, o paradigma tecnicista, que nos parece hoje uma constante na história do jornalismo, instalou-se nas escolas francesas nas primeiras décadas do século vinte, desde então o ensino do jornalismo segue assentado em manuais de regras e em programas pedagógicos aos moldes de um curso de engenharia. O que se observa é a redução de todos os aspectos complexos inerentes à profissão a uma visão prática da atividade mais atenta aos interesses do mercado que a compromissos de outra ordem. Um anacronismo positivista encerra o ensino do jornalismo aos princípios herdados do século dezenove, que instauram o fato como evidência, a visão como conhecimento, o testemunho como norma.

Esta precária formação resulta, segundo Cabedoche, num “*intérêt paresseux*” do jornalista para com o Outro. Mas não apenas um interesse preguiçoso, ele é também redutor, pois pleno de estereótipos, ideias retomadas, falsos saberes, “verdades

³⁵ RESENDE, Fernando. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. *Revista Galáxia*. Dez. 2007, n. 14, pp. 81-93. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1479>>; RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos. A narrativa como problema de pesquisa. In: *Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas*. UFBA/Compós: Salvador/ Brasília, 2011, pp. 120-138.

partilhadas” mesmo que enganadoras. Deste modo, o jornalismo tende a cristalizar imaginários coletivos e a reforçar percepções arbitrárias acerca do que é complexo. Nos termos de Cabedoche:

L'Autre s'efface devant la représentation figée, surtout en période de crise, changement social, conflit et se retrouve réduit au personnage, dont les figures, versatiles, sont fermées: barbare, persécuteur, résistant, victime ou héros. Le média transnational devient agent de déculturation³⁶.

Criticar as representações deturpadas da alteridade no jornalismo é, portanto, estender uma crítica ao próprio jornalismo, às suas regras de escritura e às suas pretensões de verdade e de objetividade. Ao invés de um discurso de alteridade — aberto ao Outro na sua complexidade, ciente de sua fragilidade e parcialidade — o que se constrói são discursos de autoridade que tentam definir, enquadrar, explicar e controlar o Outro. Grupos inteiros são representados dentro de parâmetros de homogeneidade, como se observa nas reportagens sobre africanos ou muçulmanos. Grupos inteiros de migrantes são reduzidos às representações apocalípticas, na medida em que confundidos com a negatividade do noticiário que tenta dar conta dos fatos catastróficos de seus países.

Tratando especificamente das modalidades de representação de imigrantes nas mídias, Simone Bonnafous³⁷ analisou artigos políticos da imprensa escrita francesa durante onze anos, de 1974 a 1984. Em seu *corpus*, havia dez diferentes publicações com periodicidades distintas, entre jornais diários, semanais e mensais. Cabe registrar que este estudo destaca-se não apenas pelos resultados obtidos, mas também por oferecer uma referência a outros pesquisadores do campo no que concerne ao método de investigação do discurso jornalístico, à escolha e à manipulação do *corpus*, bem como à sua análise lexical.

Simone Bonnafous distingue quatro modalidades de representação do imigrante na mídia impressa na França. Primeiro, o imigrante aparece como objeto cujo agir é limitado e rudimentar. Ele não é normalmente o sujeito da ação; é definido como beneficiário de direitos ou como um excluído social. Nas poucas situações em que é o executor da ação, isto se dá em frases generalistas como “eles chegaram” ou “eles têm o desejo”. O segundo modo de representação do imigrante está mais presente em jornais cuja linha editorial se aproxima da esquerda política. Nesta modalidade representativa, os migrantes aparecem como sujeitos agentes em contexto de lutas, manifestações ou reuniões. Uma terceira forma de representação, comum nas publicações vinculadas à direita e à extrema direita, caracteriza o imigrante como um distúrbio social, seja por sua quantidade (a autora cita o medo da invasão imigrante e isto também se relaciona ao aumento dos números da imigração), seja por sua violência. Trata-se de um espaço em que se fala do imigrante, mas no qual o imigrante não tem voz. Por fim, o tratamento do sujeito imigrante nos jornais impressos também se dá pelo comentário e pela descrição. Esta modalidade representativa pode se fundir com as demais.

³⁶ CABEDOCHÉ, Bertrand. Télévisions transnationales et représentations de l'altérité. Op. cit., p. 350.

³⁷ BONNAFOUS, S. *L'immigration prise aux mots*. Paris: Éditions Kimé, 1991.

Nos primeiros anos de análise do *corpus*, Simone Bonnafous constata que o imigrante aparecia nos jornais em matérias que tratavam da vida profissional. Ele era noticiado como parte da classe operária, em notícias sobre greves, reivindicações por alojamentos dignos, lutas por direitos, entre outras temáticas. No princípio da década de 1980, os imigrantes não são mais evocados por si mesmos, mas como objetos de negociação política e de discurso por lideranças políticas na França. As questões próprias aos imigrantes perdem espaço para se tratar das suas relações de convivência na sociedade francesa. A perspectiva torna-se negativa dando lugar às expressões “delinquência”, “limiar de tolerância” ou “tensão”. Enfim, a década de 1980 assinala o nascimento do “problema imigrante” na sociedade francesa. Esta diferença nos modos de representação do imigrante e da migração indica não só uma modificação no olhar dos jornalistas para o tema, mas também mudanças na própria sociedade.

À partir de 1979 (...) le regard du journaliste se détourne du logement, de la vie et du travail des ‘immigrés’ ou des ‘violences’ subies par eux pour se centrer sur de nouveaux objets: la ‘délinquance’, ‘l’insécurité’ et toutes les ‘réalités’ qui ont trait à l’interaction ‘Français’/‘immigrés’. D’où une approche de plus en plus locale et restreinte (une ‘cité’, une ‘ville’, une ‘banlieue’), même si au bout du compte c’est la question de l’assimilation qui est soulevée³⁸.

Conforme Bonnafous, não se trata apenas um processo de negatização e problematização do tema da imigração. Da década de 1970 para 1980, a autora percebe um deslocamento do modo de enquadrar a temática. Jornais de esquerda, como o “*Libération*”, apresentavam os migrantes como vítimas ou dentro de uma perspectiva própria às suas experiências, valorizando as suas lutas por direitos. Na década de 1980, mesmo os títulos de esquerda passaram a tratar o tema numa dimensão da vida pública francesa, da sociedade civil e de seus conflitos. Para a autora, a extrema direita contagiou os jornais com seu discurso e articulou uma problemática e uma forma de abordar o tema. Em suma, esta corrente política impôs a questão da imigração como um problema na França.

Simone Bonnafous explica a mudança no tratamento do tema da imigração nas mídias como uma influência bem sucedida dos partidos políticos de direita em convergência com uma situação social que conjuga o aumento do número de imigrantes e problemas econômicos a nível nacional e internacional. Segundo Bonnafous, os partidos com posições políticas extremadas exercem influência sobre o discurso político dos demais e isto se reflete nas notícias dos jornais. Isto significa dizer que se, nos anos 1970, houve uma influência da extrema esquerda na cobertura do tema da imigração, impondo um vínculo com o mundo operário, uma visão do imigrante como trabalhador e vítima do sistema; na década seguinte, a extrema direita impõe o imigrante como problema social.

Os estudos de Bonnafous comprovam que, atualmente, os imigrantes são cada vez menos associados aos trabalhadores ou às suas atividades laborais no discurso do jornalismo. Ao contrário, eles são noticiados, de forma recorrente, por sua

³⁸ BONNAFOUS, S. *L’immigration prise aux mots*. Op. cit.

estrangeiridade ou exotismo, por sua dificuldade de integração ou assimilação, por seus vínculos de pertencimento com seus lugares de origem ou como problemas sociais. Como resultado destas novas modalidades representativas, a meu ver, a palavra imigrante ganha uma conotação adjetiva profundamente negativa não apenas no jornalismo francês como em contexto mundial. Não por menos, constata-se que os imigrantes advindos de países ricos ou aqueles que estão em altos postos de chefia não são percebidos socialmente como imigrantes. Como vimos no Primeiro Capítulo desta Tese, autores como Étienne Balibar³⁹ defendem que há uma relação de hierarquia entre os sujeitos em migração, o que pressupõe que uns serão percebidos como mais estrangeiros que outros e, portanto, terão mais dificuldade de integração social e profissional. É preciso ressaltar que os “graus de migrante” são definidos levando-se em conta origem étnica e racial, estatuto social, gênero, orientação sexual, proximidade cultural, entre outros elementos.

A negativização do imigrante também está presente nas conclusões da historiadora Mary Nash⁴⁰ sobre o contexto de representação dos sujeitos migrantes nos jornais da Espanha. Para Nash, os meios de comunicação de massa têm um papel decisivo na construção das crenças compartilhadas socialmente e na difusão de valores e aprendizados culturais. Neste sentido, as mídias atuam na edificação das identidades sociais, projetando a legitimação ou a subalternidade de alguns grupos sociais frente a outros. Reportagens e matérias jornalísticas influenciam a opinião pública por ressonância cultural e social e, assim, atuam na formação de mentalidades que, por seu turno, conduzem as práticas. Embasada nos ECD, Nash compreende a linguagem como construtora da realidade: “*las palabras sirven no solo para designar la realidad, sino también para construirla*”⁴¹.

Mary Nash conclui que o sujeito migrante é representado na mídia espanhola por meio de uma associação direta entre a imigração e a ilegalidade. Os “sinônimos” utilizados para “migrante” são *ilegal*, *clandestinos*, “*sin papeles*”, “*espaldas mojadas*”. A imagem das “*pateras*” é recorrentemente utilizada para ilustrar o fenômeno migratório, ainda que uma porcentagem pequena dos migrantes não regularizados entre em território espanhol por meio de barcos. No entanto, a imagem das “*pateras*” reforça o estigma da ilegalidade, da desumanização e da violência implicadas no projeto migratório. De mesmo modo, entre as décadas de 1990 e 2000, Nash resgata o uso dos termos “onda”, “avalanche” ou “invasão” para registrar o crescimento dos números da imigração de cidadãos pobres da América Latina, do leste europeu e, sobretudo, de africanos. Estas palavras indicam um fenômeno perigoso, descontrolado e destruidor que exige uma resposta rápida e severa por parte das autoridades. Finalmente, o trabalho de Mary Nash também nos ajuda a repensar a obsessão do jornalismo em registrar exclusivamente os fatos do tempo presente, negligenciando os acontecimentos que antecederam a migração e ainda

³⁹ BALIBAR, E. y WALLERSTEIN, I. *Race, nation, classe: les identités ambiguës*. Paris: Éditions la Découverte, 1997, p. 294.

⁴⁰ NASH, M. *Inmigrantes en nuestro espejo. Inmigración y discurso periodístico en la prensa española*. Barcelona: Icaria, 2005; NASH, M. Representaciones culturales, imaginarios y comunidad imaginada en la interpretación del universo intercultural”. *Training seminar de jóvenes investigadores en dinámicas culturales*. Barcelona: Fundación Cidob, 2008, pp. 13-22.

⁴¹ NASH, M. *Inmigrantes en nuestro espejo*. Op. cit., p. 31.

cerceando as possibilidades de compreensão de um futuro positivo para o sujeito migrante em território estrangeiro.

5. As mulheres brasileiras nas mídias da Europa

Nos últimos anos, as modalidades de representação de mulheres brasileiras nas mídias da Europa foi objeto de pesquisa em diversas áreas do conhecimento e não apenas nas ciências da comunicação. Esta diversidade também está presente nos suportes analisados que incluem jornais impressos e televisivos, revistas femininas, telenovelas, peças publicitárias para turismo e propaganda política. Que pese as disparidades de métodos e de referências teóricas, este recorte de análises conclui algo em comum: as mulheres brasileiras são frequentemente representadas de forma estereotipada, retomando um imaginário colonial de sensualidade, disponibilidade sexual e exotismo.

Ângela Roman⁴² analisa a presença da mulher brasileira na imprensa feminina francesa. Roman conclui que mais da metade das aparições da mulher brasileira são apenas citações ou aparições breves, nas quais o aprofundamento temático é mínimo, restando testemunhos desconexos e imagens estereotipadas. Além disso, de modo recorrente, as mulheres brasileiras são descritas por seus aspectos físicos, mesmo nos casos em que são fontes de temas diversos, como música, arte, literatura ou política. As representações também são sexistas, já que enquanto mulheres anônimas ilustram as reportagens com fotos de seus corpos, os homens brasileiros são mais frequentemente apresentados no desempenho de suas funções profissionais.

No mais, Roman aponta os erros encontrados nas reportagens e notas sobre o Brasil e sobre as brasileiras; sejam informações incorretas, sejam erros de ortografia dos nomes em português. Há um verdadeiro descaso com as fontes e com o rigor das informações, aproveitando-se do desconhecimento dos possíveis leitores e expondo dramaticamente o desinteresse dos próprios jornalistas.

Já o trabalho acadêmico de Rosuel Lima Pereira⁴³, tratando dos clichês sobre os brasileiros na mídia estrangeira, aponta três grandes estereótipos vinculados à mulher brasileira:

1º) Tópico ou trópico: este estereótipo apresenta recorrentes descrições de paisagens, valorizando os elementos da flora e da fauna. Marca até hoje o imaginário ocidental no que diz respeito ao Brasil. Em sua imagem deformada, este estereótipo mostra o desmatamento da Amazônia, as favelas e os latifúndios.

⁴² ROMAN, A. B. de O. *Les femmes brésiliennes dans la presse féminine française durant l'Année du Brésil en France: une représentation stéréotype et sexiste*. (Mestrado em Comunicação, Universidade de Paris VIII), 2007.

⁴³ PEREIRA, R. Les médias et les clichés sur le Brésil: entre synthèse culturelle et sirène d'appel aux études universitaire en France. *Revista Pós Ciências Sociais*. Jul./dez. 2010, v. 7, n. 14, pp. 173-190.

2º) O estereótipo étnico ou físico trata da atração da nudez inocente do homem primitivo registrada nas primeiras cartas de Pero Vaz de Caminha e de outros narradores do “descobrimento”. A beleza das mulheres indígenas e a imagem libidinosa das mulheres negras constituem este estereótipo. O brasileiro é visto com um povo com talento especial para música e para dança. Como imagem deformada, o racismo em contraposição ao mito da democracia racial, a super exploração do corpo da mulata, a prostituição de crianças, de mulheres e de travestis.

3º) Ético ou utópico: o Brasil como território de liberdade religiosa e de pensamento. Como imagem deformada, apresenta-se um País dominado pela violência, pela criminalidade e pela corrupção; um País de pessoas que não trabalham, que estão sempre ocupadas com o carnaval, com festas e com o futebol.

As pesquisas de Maria Badet Souza⁴⁴ e Isabel Ferin⁴⁵ também são importantes referências neste estudo, pois tratam diretamente da representação midiática da mulher brasileira nos contextos da televisão pública na Espanha e em Portugal, respectivamente. Maria Badet Souza, ao debruçar-se sobre as representações televisivas da mulher brasileira no contexto espanhol, quer entender as implicações que estas representações culturais podem ter na construção do imaginário social coletivo sobre o Brasil naquele país ibérico. Neste processo, considera fundamental a análise dos contextos sociais nos quais se constroem os imaginários coletivos já que eles podem limitar a imaginação a respeito destas mesmas mulheres. Além disso, investiga quais as relações de poder que ancoram estes discursos, sejam elas hegemônicas ou não.

Em sua pesquisa, Maria Badet Souza observa uma expressividade numérica das representações da mulher brasileira na cobertura televisiva na Espanha em detrimento de reportagens nas quais apareça o homem brasileiro. Dado interessante porque, em geral, na cobertura midiática de outros grupos migrantes, o protagonismo é masculino. Embora as notícias privilegiem os personagens masculinos quando o tema é a migração, no caso brasileiro, são as mulheres e mais especificamente os corpos das mulheres brasileiras que ganham destaque. Dentre as temáticas mais citadas estão a prostituição e a violência de gênero.

Quando se noticia a prostituição na televisão espanhola, as mulheres brasileiras são as que mais aparecem em comparação a todos os outros grupos migrantes, embora sejam as que menos falem. Maria Badet Souza constata uma franca oposição entre a excessiva visibilidade de seus corpos em relação ao fato de que as brasileiras não são as fontes de informação mais comuns nestas reportagens. Há uma valorização das imagens de seus corpos, dotando de erotismo o jornalismo que

⁴⁴ BADET SOUZA, M. *Televisión y construcción del imaginario de la mujer brasileña en España: propuesta de una metodología de análisis multidimensional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona; BADET SOUZA, M. Mass media, género y construcción de imaginarios sociales. In: *Seminário de Estudos sobre a imigração brasileira na Espanha*, 1. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, p.137-144.

⁴⁵ FERIN, Isabel. Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão. *Comunicação e Cultura*. 2006, n. 1, pp. 73-97. Disponível em <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10363>>.

deveria denunciar as máfias, o tráfico de pessoas e a violência. A autora argumenta que a recorrência destas imagens pode influenciar a construção de um imaginário negativo para o coletivo de mulheres brasileiras.

As representações das mulheres brasileiras também foram analisadas sob a perspectiva das emissoras de televisão em Portugal por Isabel Ferin. Esta pesquisadora portuguesa realizou um estudo de recepção baseado em entrevistas em profundidade e em grupos focais cujos temas centrais foram “mulheres brasileiras prostituídas”, a partir das avaliações de mulheres brasileiras, e “ações de realojamento”, contando com a participação de um grupo de mulheres ciganas. Neste artigo, vamos privilegiar as questões referentes às brasileiras tratadas por Ferin.

A problemática de Isabel Ferin era saber como as brasileiras se apropriavam das representações e das narrativas e que sentidos atribuíam às peças jornalísticas que falavam sobre elas. Neste contexto, embora haja um consenso de que estas notícias são negativas e discriminatórias, e que tratam quase que exclusivamente de crimes diversos e da prostituição, os sentimentos variavam entre as informantes. Se por um lado, o sentimento era de tristeza, por pena das moças prostituídas, em outros momentos, o sentimento era de raiva, por estarem elas também sujeitas ao estereótipo da prostituta.

A partir das entrevistas realizadas, Ferin pode constatar que as mulheres brasileiras identificam o tema das “brasileiras prostituídas” como sendo este o que de forma mais recorrente ganha destaque nas emissoras de televisão portuguesas deixando de lado outras potencialidades temáticas pertinentes a este coletivo social. Esta recorrência, por sua vez, segundo as informantes, pode retratar tanto a realidade – com base numa aceção de que o jornalismo é “espelho da realidade” –, quanto distorcê-la, acentuando a discriminação que elas já vivenciam diariamente.

Também gostaria de citar a contribuição de Mariana Selister Gomes⁴⁶ em sua tese de doutorado sobre o imaginário social “mulher brasileira” em Portugal. A hipótese com a qual trabalha Gomes é de que este imaginário é construído como uma ordem discursiva imbricada em relações de poder raciais e de gênero. Ou seja, neste imaginário, raça, gênero e sexualidade estão interseccionados e afetam a experiência de mulheres brasileiras imigrantes de todas as classes e inserções sociais. Segundo esta pesquisadora, é característica central deste imaginário a construção das mulheres brasileiras como “corpos coloniais” disponíveis sexualmente; este imaginário abrange mulheres pertencentes a diferentes classes sociais e com distintos níveis de escolarização. Sem embargo, Mariana Gomes não descarta que os níveis de vulnerabilidade das mulheres brasileiras podem ser distintos na medida em que elas diferem classe social, raça ou condição migrante

⁴⁶ GOMES, M. S. *O imaginário social “mulher brasileira” em Portugal. Uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. Tese de doutorado em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, 2013.

(regulamentada ou não).

Em sua análise, Mariana Gomes apresenta exemplos de representações midiáticas que têm sido veiculadas nos mais diferentes suportes, como telenovelas, reportagens jornalísticas na imprensa escrita, na publicidade e também na propaganda política. Em destaque, a associação do feminino brasileiro como a mestiçagem racial, retomando a “mulata” como símbolo desta etnicidade. Uma contribuição mais completa fornecida por Mariana Gomes diz respeito à análise dos discursos do marketing turístico do Governo Brasileiro difundidos em Portugal entre 2009 e 2012. As campanhas tinham como conceito principal a representação do Brasil como um paraíso natural, pontuado pela alegria e receptividade do povo. Nesta campanha, prevaleceu certa exaltação do Brasil como um país mestiço e harmônico racialmente, ainda assim, a autora acredita que houve um significativo avanço no que concerne a não exploração do corpo feminino como atrativo turístico. Conforme Gomes, as recentes campanhas do Governo Brasileiro em território português têm auxiliado na modificação do imaginário “mulher brasileira” na medida em que desarticulam a ideia da mulher brasileira como parte dos atributos naturais a serem explorados pelos turistas.

6. Conclusão

O estudo das modalidades de representação da mulher brasileira migrante nas mídias permite uma compreensão de como o jornalismo atua na construção social da realidade. As minorias, que normalmente não possuem lugar de fala na cultura da mídia, ficam concernidas às representações estereotipadas que afetam os imaginários, as subjetividades e as experiências dos sujeitos. O discurso de autoridade do jornalismo foi objeto de análise neste artigo no que diz respeito à representação desta minoria em particular, mas o impacto destas representações na experiência cotidiana das brasileiras em migração, no entanto, somente pode ser mensurado por meio de pesquisas que coloquem as mulheres migrantes em primeiro plano, conferindo-lhes um lugar de fala para a sua expressão.

7. Referências

- ABUD, T. D. *Brazil in France: Representation of Brazilian culture, the image of the country and the conservation of stereotypes*. (Dissertação de mestrado em Antropologia Social e Cultural). Universidade Autônoma de Barcelona, 2010. 128 p.
- ALMEIDA, G. *Au révoir, Brésil: um estudo sobre a imigração brasileira na França após 1980*. (Tese em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas, 2013. 407 p.
- ARANGO, Joaquín. Las leyes de las migraciones de E. G. Ravenstein, cien años después. *Reis*. 1985, n. 35, pp. 7-26. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=250715>>.

- ARANGO, Joaquín. La explicación teórica de las migraciones: luz y sombra. *Migración y desarrollo*. Out./nov., 2010, n. 1, pp.1-30. Disponible em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66000102>>.
- BADET SOUZA, M. *Televisión y construcción del imaginario de la mujer brasileña en España: propuesta de una metodología de análisis multidimensional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade Autônoma de Barcelona, Barcelona.
- BADET SOUZA, M. Mass media, género y construcción de imaginarios sociales. In: *Seminário de Estudos sobre a imigração brasileira na Espanha, 1*. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, p.137-144.
- BALIBAR, E. y WALLERSTEIN, I. *Race, nation, classe: les identités ambiguës*. Paris: Éditions la Découverte, 1997.
- BERGER-ROULLEAU, L. *Migrer au féminin*. Paris: Presses Universitaires de France, 2010.
- BONNAFOUS, S. *L'immigration prise aux mots*. Paris: Éditions Kimé, 1991.
- CABEDOCHÉ, Bertrand. La construction de l'étrangéité, enjeu du projet de chaîne française d'information internationale. *Les Cahiers du journalisme: Faits divers, faits de société*. Printemps/été 2005, n.14, pp.270-277. Disponible em <http://www.cairn.info/zen.php?ID_ARTICLE=ENIC_014_0051>.
- CABEDOCHÉ, Bertrand. Télévisions transnationales et représentations de l'altérité. Remarques épistémologiques et méthodologiques. *Les Cahiers du journalisme: Faits divers, faits de société*. Été 2007, n. 17, pp. 344-383.
- CABEDOCHÉ, Bertrand. Apostas contemporâneas da produção e da difusão de conhecimentos na França relativas à informação midiática. Convergências e oposições entre praticantes das mídias e Ciências da Comunicação. *Revista Comunicação: Veredas*. 2009-1, ano VIII, n. 8, pp. 43-67. Disponible em <http://www.unimar.br/publicacoes/pub/veredas_8.pdf>.
- CATARINO, Christine y MOROKVASIC, Mirjana. Femmes, genre, migration et mobilités. *Revue européenne des migrations internationales*. 2005, v. 21, n. 1, pp.1-17. [15 março 2014]. Disponible em <<http://remi.revues.org/2534>>.
- CAVALCANTI, Leonardo. La inmigración brasileña en la estructura socioeconómica de España. In: *Seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Espanha, 1*. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, 2010, pp. 33-38.
- CAVALCANTI, Leonardo y PARELLA, Sònia. Una aproximación cualitativa a las trayectorias laborales de las mujeres brasileñas que residen em España. In: *La inmigración brasileña en la estrutura socioeconómica de España*. Madrid:

- Ministerio del Trabajo e Inmigración, 2011.
- ELHAJJI, M. Le culte à la culture: évolution, révolution et régression. In: *Le concept de culture: comprendre et maîtriser ses détournements et manipulations*. Paris: L'Harmattan, 2013, pp. 19-46.
- EVANS, Yara; TONHATI, Tonia y SOUZA, Ana. Imigrantes brasileiras pelo mundo. Londres: GEB (Grupo de Estudos sobre Brasileiros no Reino Unido), 2013. Disponível em <<http://geblondon.wordpress.com/>>.
- FERIN, Isabel. Imagens da diferença: prostituição e realojamento na televisão. *Comunicação e Cultura*. 2006, n. 1, pp. 73-97. Disponível em <<http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10363>>.
- GOMES, M. S. *Marketing turístico e violência contra as mulheres, (des)(re)construções do Brasil como um paraíso de mulatas*. Dissertação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- GOMES, M. S. *O imaginário social "mulher brasileira" em Portugal. Uma análise da construção de saberes, das relações de poder e dos modos de subjetivação*. Tese de doutorado em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, 2013.
- KOFMAN, E. Female "Birds of Passage" a decade later: gender and Immigration in the European Union. *International Migration Review*. 1999, 33, n. 2, pp. 269–299.
- LEONETTI, I. T. y LÉVY, F. *Femmes et immigrées: l'insertion des femmes immigrées en France*. Paris: Le Documentation Française, 1978.
- MOROKVASIC, Mirjana. *Crossing borders and shifting boundaries of belonging in post-wall europe. A gender lens*. 2006. Disponível <<http://www.migrationonline.cz/en/crossing-borders-and-shifting-boundaries-of-belonging-in-post-wall-europe-a-gender-lens>>.
- NASH, M. *Inmigrantes en nuestro espejo. Inmigración y discurso periodístico en la prensa española*. Barcelona: Icaria, 2005.
- NASH, M. Representaciones culturales, imaginarios y comunidad imaginada en la interpretación del universo intercultural". *Training seminar de jóvenes investigadores en dinámicas culturales*. Barcelona: Fundación Cidob, 2008, pp. 13-22.
- PADILLA, B. Gênero e migrações: o que sugere o estudo das imigrantes brasileiras em Portugal. In: *Seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Espanha*, 1. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, 2010, p. 23.
- PADILLA, B. y GOMES, M. S. Racismo contra as -mulheres brasileiras em Portugal? Algumas reflexões. In: *Congresso Português de Sociologia*, 7º, 2012, Porto, Anais..., p.1-14.

- PEREIRA, R. Les médias et les clichés sur le Brésil: entre synthèse culturelle et sirène d'appel aux études universitaires en France. *Revista Pós Ciências Sociais*. Jul./dez. 2010, v. 7, n. 14, pp. 173-190.
- PERROT, M. *Mon histoire des femmes*. Paris: Éditions du Seuil, 2006.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*. 2008, n. 11, pp. 263–274. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/5247>>.
- PISCITELLI, Adriana. Geografia política do afeto: interesse, “amor” e migração. In: *Seminário de estudos sobre a imigração brasileira na Espanha*, 1. 2010, Barcelona. Anais.... , Barcelona: Coletivo Brasil-Catalunya, 2010, p.14-22.
- PONTES, Luciana. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*. 2004, n. 23, pp. 229–256. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n23/n23a08.pdf>>.
- PONTES, Luciana. *Corpos deslocados: vulnerabilidade e processos de exotização das mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa, Portugal*. (Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia) Lisboa/Portugal, 2005. 157 p.
- RESENDE, Fernando. O olhar às avessas, a lógica do texto jornalístico. In: *XIII Compós*, São Bernardo do Campo, SP: 2004.
- RESENDE, Fernando. O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças. *Revista Galáxia*. Dez. 2007, n. 14, pp. 81-93. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1479>>.
- RESENDE, Fernando. Às desordens e aos sentidos. A narrativa como problema de pesquisa. In: *Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas*. UFBA/Compós: Salvador/ Brasília, 2011, pp. 120-138.
- ROMAN, A. B. de O. *Les femmes brésiliennes dans la presse féminine française durant l'Année du Brésil en France: une représentation stéréotype et sexiste*. (Mestrado em Comunicação, Universidade de Paris VIII), 2007.
- SOUSA, Isabela Cabral Félix de. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Revista Imaginário*. 2007, v. 13, n. 14, pp. 399-415. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/ima/article/view/42454>>.
- VAN DIJK, T. A. *Racism and the press*. London, New York: Routledge, 1991.
- VAN DIJK, T. A. Racism and press in Spain. In: *Discurso y Sociedad II. Nuevas contribuciones al estudio de la lengua en un contexto social*. Castelló de la

Plana: Universitat Jaume I, 2006, pp. 59-99.

VAN DIJK, T. A. (org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

VAN DIJK, T. A. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.